

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/11/2025 | aceito: 22/11/2025 | publicação: 24/11/2025

Redes sociais, política e desinformação: Uma análise da circulação de Fake News entre universitários brasileiros

Social Networks, Politics, and Disinformation: An Analysis of the Circulation of Fake News among Brazilian University Students

Carlos Henrique Vale de Paiva – IUPERJ/UCAM - carlospaiva.contato@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa a circulação de fake news entre universitários brasileiros, considerando o papel das redes sociais, da polarização política e das dinâmicas contemporâneas de desinformação. Embora possuam maior escolaridade e amplo acesso à informação, os estudantes também estão expostos a algoritmos que reforçam bolhas digitais e ao apelo emocional de teorias conspiratórias. A pesquisa utiliza abordagem exploratório-descritiva, combinando revisão de literatura e survey aplicado por amostragem em bola de neve. O questionário investigou hábitos informacionais, exposição a conteúdos falsos, compartilhamento autodeclarado e aderência a narrativas conspiratórias. Os resultados indicam alta dependência das redes sociais como fonte de notícias, desconfiança em relação à mídia tradicional e influência de fatores como posicionamento político e religiosidade na propensão a acreditar ou disseminar desinformação. O estudo destaca a necessidade de fortalecer a alfabetização midiática e competências críticas para enfrentar a desinformação no ambiente universitário.

Palavras-chave: desinformação, fake news, teorias conspiratórias, universitários, redes sociais.

Abstract

This article examines the circulation of fake news among Brazilian university students, considering the role of social networks, political polarization, and contemporary dynamics of disinformation. Although they have higher levels of education and broad access to information, students are also exposed to algorithms that reinforce digital echo chambers and to the emotional appeal of conspiracy theories. The study adopts an exploratory-descriptive approach, combining a literature review with a survey conducted through snowball sampling. The questionnaire investigated informational habits, exposure to false content, self-reported sharing of misleading news, and adherence to conspiracy narratives. The results indicate strong dependence on social networks as a primary source of news, distrust of traditional media, and the influence of factors such as political positioning and religiosity on the propensity to believe or disseminate disinformation. The study highlights the need to strengthen media literacy and critical information skills to confront disinformation within the university environment.

Keywords: misinformation, fake news, conspiracy theories, university students, social networks

1. Introdução

Nas últimas décadas, a ascensão das redes sociais digitais transformou profundamente as formas de comunicação, sociabilidade e participação política. A emergência dessas plataformas coincidiu com um processo global de reconfiguração dos fluxos informacionais, marcado pela abundância de dados, pela aceleração do tempo social e pelo enfraquecimento progressivo das fronteiras entre verdade, crença e opinião. No Brasil, esse fenômeno ganhou contornos específicos e particularmente intensos a partir de 2013, quando as grandes manifestações de rua inauguraram um novo ciclo de mobilização política sustentado pela interação em ambientes digitais. A partir daquele período, as redes sociais deixaram de funcionar apenas como espaços de sociabilidade e passaram a atuar como arenas centrais de disputa simbólica, ideológica e afetiva, nas quais narrativas

Ano V, v.2 2025 | **submissão: 20/11/2025** | **aceito: 22/11/2025** | **publicação: 24/11/2025**

concorrentes se chocam e produzem efeitos concretos na vida pública.

As Manifestações de Junho de 2013 representam um marco simbólico brasileiro na relação entre política e redes sociais. Inicialmente convocadas para protestar contra o aumento das tarifas de transporte, rapidamente se expandiram em múltiplas pautas e se tornaram um grande laboratório da lógica comunicacional contemporânea. Ali se consolidou um modelo de engajamento marcado pela horizontalidade aparente, pela viralização de conteúdos, pela fragmentação discursiva e pela capacidade de grupos organizados influenciarem grandes audiências por meio de estratégias digitais. Esse contexto evidenciou que a mediação algorítmica ampliava não apenas o alcance, mas também a intensidade emocional das mensagens, criando condições para que conteúdos imprecisos, manipulados ou completamente falsos se espalhassem de maneira rápida e muitas vezes incontrolável.

A partir de 2014, durante o acirrado ciclo eleitoral daquele ano e ao longo do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, consolidou-se no país uma infraestrutura comunicacional paralela à mídia tradicional, baseada na disseminação de boatos, rumores e conteúdos conspiratórios. A atuação intensa de movimentos digitais, como o Movimento Brasil Livre (MBL), contribuiu para a circulação de informações manipuladas que ganharam força por meio de estratégias de microdirecionamento e engajamento emocional. A convergência entre crise econômica, instabilidade política e descrédito institucional formou um terreno fértil para que teorias conspiratórias, antes restritas a pequenos grupos, se tornassem parte do debate público cotidiano.

O cenário internacional oferecia um paralelo significativo. Entre 2015 e 2016, o referendo do Brexit e as eleições que levaram Donald Trump à presidência dos Estados Unidos demonstraram o poder político das *fake news* e das narrativas conspiratórias amplificadas por redes sociais. A interferência de organizações especializadas em análise de dados e segmentação de públicos, como a *Cambridge Analytica*, evidenciou que a desinformação não era apenas um fenômeno espontâneo, mas parte de um ecossistema de manipulação ideológica global. Esse modelo seria posteriormente replicado em diversos países, inclusive no Brasil, com impactos profundos sobre as democracias contemporâneas.

No contexto brasileiro, a campanha eleitoral de 2018 marcou um ponto de inflexão. A ascensão de Jair Bolsonaro foi acompanhada por uma intensa circulação de conteúdos falsos sobre segurança pública, moralidade, corrupção e costumes. A desinformação passou a operar como recurso estratégico para mobilizar afetos e consolidar identidades políticas. O WhatsApp, em especial, desempenhou um papel central como meio de disseminação por meio de redes de confiança e laços familiares, o que conferiu ainda mais credibilidade às mensagens. As eleições de 2022 reafirmaram essa tendência, com um aumento expressivo da circulação de boatos envolvendo urnas eletrônicas, fraude eleitoral e ataques a instituições democráticas. Esse processo culminou em episódios de violência simbólica e material, como a invasão às sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/11/2025 | aceito: 22/11/2025 | publicação: 24/11/2025

Diante desse histórico, tornou-se evidente que a desinformação é um fenômeno estrutural e que ultrapassa a mera circulação de conteúdos falsos. Trata-se de um ecossistema complexo que articula fatores políticos, tecnológicos, emocionais e socioculturais. A lógica algorítmica das plataformas amplifica conteúdos que geram engajamento, o que inclui mensagens carregadas de medo, ódio ou sensação de ameaça. Paralelamente, a crise de confiança na mídia tradicional favorece a busca por fontes alternativas de informação, muitas vezes sem critérios de validação. Além disso, a atuação de grupos políticos organizados e a presença de influenciadores digitais ampliam o alcance das narrativas enganosas e produzem efeitos subjetivos duradouros.

Nesse cenário, os jovens universitários ocupam uma posição paradoxal. Embora representem um segmento da população associado ao acesso ampliado ao conhecimento, ao desenvolvimento de habilidades críticas e à vivência acadêmica, também são altamente expostos aos ambientes digitais que favorecem a desinformação. O uso intensivo das redes sociais como principal fonte de informação, aliado à velocidade da circulação de conteúdo e à lógica de consumo fragmentado, torna esses jovens particularmente vulneráveis. A universalização do acesso à internet e a ubiquidade dos smartphones intensificam esse processo, fazendo com que estudantes utilizem plataformas digitais não apenas para entretenimento, mas para compreender e interpretar os acontecimentos políticos.

Os universitários também se encontram em um processo de formação identitária, política e afetiva, no qual crenças e valores ainda estão sendo moldados e reconfigurados. Esse aspecto torna mais significativa a influência de narrativas emocionalmente marcadas, como as teorias conspiratórias, que oferecem explicações simplificadas para fenômenos complexos e criam a sensação de pertencimento a comunidades que compartilham visões de mundo semelhantes. O ambiente digital, por sua vez, reforça essas percepções por meio da personalização algorítmica, que filtra conteúdos com base em interações anteriores e cria câmeras de eco que reduzem o contato com perspectivas divergentes.

Pesquisas recentes indicam que os universitários brasileiros manifestam comportamentos ambivalentes em relação à desinformação. Ao mesmo tempo em que reconhecem a existência de notícias falsas e demonstram preocupação com seus impactos, também admitem já ter compartilhado informações sem verificar a veracidade ou mesmo acreditado em conteúdos que posteriormente se revelaram falsos. Dados empíricos da pesquisa realizada no âmbito da dissertação que fundamenta este artigo confirmam essas tendências ao demonstrar que muitos estudantes utilizam as redes como principal fonte de informação, confiam mais em conteúdos compartilhados por amigos e familiares do que em veículos jornalísticos e identificam dificuldades em distinguir fatos de opiniões quando expostos a conteúdos politicamente carregados.

Esse quadro revela que a desinformação entre universitários não pode ser entendida apenas como falha individual de interpretação, mas como produto de um ambiente complexo que combina

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/11/2025 | aceito: 22/11/2025 | publicação: 24/11/2025

arquitetura tecnológica, disputas políticas e fragilidades das instituições democráticas. A análise desses processos é fundamental para compreender como as percepções políticas se formam no Brasil contemporâneo e como as narrativas enganosas moldam o debate público. Compreender esse fenômeno no ambiente acadêmico é especialmente relevante, pois as universidades desempenham papel central na formação de cidadãos críticos e aptos a participar da vida democrática.

Diante desse contexto histórico e sociopolítico, este artigo busca analisar de que maneira os universitários brasileiros se relacionam com conteúdo desinformativos, quais fatores influenciam sua crença ou compartilhamento de fake news e como as redes sociais estruturam os fluxos de informação que atravessam esse grupo. O objetivo é oferecer uma reflexão que contribua para o debate público e para o desenvolvimento de estratégias eficazes de alfabetização midiática, fortalecendo a capacidade crítica dos estudantes e colaborando para o enfrentamento da desinformação no Brasil.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Desinformação como fenômeno político

A desinformação consolidou-se como um fenômeno político central na contemporaneidade, especialmente em sociedades marcadas pela expansão das tecnologias digitais e pela crise da confiança institucional. Pinheiro e Brito (2015) afirmam que a desinformação não deve ser compreendida como simples erro factual ou ausência de informação, mas como instrumento de alienação coletiva, manipulação estratégica e dominação ideológica. Nesse sentido, fake news não representam desvios pontuais, e sim mecanismos estruturados que visam produzir confusão e fragilizar a capacidade crítica dos indivíduos.

O uso de notícias falsas para fins políticos está amplamente documentado em pesquisas recentes. Da Empoli (2019) demonstra que campanhas de desinformação foram fundamentais para processos como o Brexit, a eleição de Donald Trump e a ascensão de movimentos populistas na Europa e na América Latina. Nessas experiências, as fakes news operam como ferramentas emocionais que simplificam fenômenos complexos e mobilizam ressentimentos sociais.

A literatura sobre populismo reforça esse entendimento. Para Terenzi (2021), o populismo depende da construção de um povo homogêneo e moralmente superior, geralmente colocado em oposição a elites supostamente corruptas e inimigas da nação. Teorias conspiratórias fornecem o arcabouço narrativo ideal para essa lógica, pois atribuem responsabilidade a atores ocultos, reforçando a ideia de ameaça constante. Wainberg (2018) complementa essa perspectiva ao argumentar que teorias conspiratórias se difundem sobretudo pela ativação emocional, e não por critérios racionais de verificação, criando ambientes férteis para manipulação política.

Assim, desinformação e teorias conspiratórias não devem ser analisadas como fenômenos isolados. Elas operam como dispositivos centrais de disputa ideológica na esfera pública, articulando

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/11/2025 | aceito: 22/11/2025 | publicação: 24/11/2025

afetos, identidades e estratégias de poder em um ecossistema comunicacional profundamente transformado pelas tecnologias digitais.

2.2 Comunicação, algoritmos e sociedade em rede

A compreensão do ambiente onde a desinformação se dissemina exige uma perspectiva histórica sobre as teorias da comunicação. Mills (1981) descreve a sociedade de massas como um sistema comunicacional centralizado, no qual poucos emissores detêm grande poder de influência sobre o público, que assume papel predominantemente passivo. Nesse modelo, a mídia tradicional se apresenta como principal mediadora entre fatos e cidadãos.

Adorno e Horkheimer (1947), ao formularem o conceito de indústria cultural, aprofundam a crítica ao demonstrar que bens culturais produzidos em massa reforçam padrões de consumo e conformismo social. Para eles, a cultura transformada em mercadoria limita a autonomia crítica e tende a reproduzir ideologias dominantes, moldando percepções e comportamentos de forma padronizada.

A partir do final do século XX, entretanto, as tecnologias digitais provocaram mudanças profundas nesse cenário. Castells (2020) propõe que vivemos em uma sociedade em rede, caracterizada pela descentralização dos fluxos de informação, pela interatividade e pela simultaneidade das comunicações. Embora essas tecnologias ampliem a participação dos indivíduos na produção de conteúdo, Castells alerta que novas formas de concentração de poder emergem, sobretudo no controle de infraestruturas tecnológicas e algoritmos.

Lévy (1998) descreve essas transformações no âmbito da cibercultura, um conjunto de práticas, valores e modos de sociabilidade próprios do ambiente digital. Para o autor, dispositivos técnicos reconfiguram atividades cognitivas como leitura, interpretação e memória, afetando diretamente a forma como os indivíduos constroem sentido.

A mediação algorítmica intensifica esse processo. Plataformas digitais organizam e filtram conteúdos de acordo com interesses econômicos e padrões de engajamento, privilegiando mensagens rápidas e altamente emocionais. Como consequência, conteúdos sensacionalistas e desinformativos ganham maior visibilidade. Essa arquitetura informacional, baseada na atenção e não na veracidade, favorece a viralização de fake news e teorias conspiratórias e altera profundamente o ecossistema comunicacional contemporâneo (Castells, 2020; Lévy, 1998).

2.3 Jornalismo, confiança pública e crise democrática

Outro elemento central para compreender a desinformação é o declínio da confiança no jornalismo profissional. Crises econômicas nos meios de comunicação, fragmentação das audiências e ataques sistemáticos por lideranças políticas contribuíram para a crescente desconfiança na mídia tradicional. Bonavides (2001) e Chauí (1980) destacam que, em sociedades democráticas, a imprensa

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/11/2025 | aceito: 22/11/2025 | publicação: 24/11/2025

cumpre papel essencial de fiscalização e de mediação do debate público. Quando sua legitimidade é contestada, abre-se espaço para fontes alternativas de informação com menor rigor verificativo.

A arquitetura das redes sociais aprofunda esse processo ao favorecer a formação de bolhas informacionais. Algoritmos tendem a priorizar conteúdos que confirmam crenças prévias dos usuários, ampliando a sensação de verdade subjetiva e reduzindo o contato com perspectivas divergentes. Essa dinâmica, amplamente discutida por Castells (2020) e Mancebo (2002), cria câmaras de eco que reforçam polarizações e aumentam a probabilidade de adesão a conteúdos falsos.

A comunidade universitária se encontra em posição especialmente sensível nesse cenário. Embora tenha maior escolaridade e amplo acesso a recursos digitais, esse grupo utiliza as redes sociais como principal fonte de informação e muitas vezes consome conteúdos de forma fragmentada. Estudos recentes, incluindo pesquisas aplicadas na dissertação que fundamenta este artigo, demonstram que estudantes reconhecem a presença de fake news, mas ainda assim compartilham conteúdo sem verificação prévia, influenciados por vínculos sociais, narrativas identitárias e pela própria lógica de funcionamento das plataformas.

Assim, a combinação entre crise da mediação jornalística, fragmentação do consumo digital e arquitetura algorítmica das plataformas evidencia que a desinformação se tornou um desafio estrutural para a democracia contemporânea, exigindo novas formas de alfabetização midiática e fortalecimento do pensamento crítico no ambiente universitário.

3. Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem exploratório-descritiva, adequada ao objetivo de compreender padrões, percepções e comportamentos relacionados à circulação de desinformação entre universitários brasileiros. A natureza exploratória permite investigar fenômenos ainda pouco estruturados na literatura nacional, especialmente no contexto da comunidade acadêmica, enquanto a dimensão descritiva possibilita mapear características sociodemográficas, hábitos informacionais e níveis de aderência a conteúdos falsos. Essa combinação metodológica possibilita construir um panorama inicial robusto e coerente acerca do problema de pesquisa.

O estudo foi desenvolvido em duas etapas complementares. A primeira consistiu em uma revisão sistematizada da literatura, realizada com base em procedimentos de busca estruturados em bases de dados acadêmicas nacionais e internacionais. A revisão seguiu critérios de seleção que incluíram recorte temporal, relevância temática e pertinência teórica, permitindo identificar os principais conceitos, autores e debates atuais sobre desinformação, fake news, teorias conspiratórias, universitários, consumo digital e mediação algorítmica. Esse levantamento sustentou a construção do instrumento de coleta de dados e forneceu o arcabouço teórico necessário para interpretar os resultados empíricos.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/11/2025 | aceito: 22/11/2025 | publicação: 24/11/2025

A segunda etapa correspondeu à aplicação de um survey quantitativo, desenvolvido com o intuito de coletar informações sobre o comportamento informacional de universitários, sua relação com conteúdo enganosos e a presença de indicadores associados à adesão a teorias conspiratórias. O instrumento foi disponibilizado de forma on-line e composto por questões fechadas e escalas de percepção. O questionário contemplou variáveis sociodemográficas, tais como idade, gênero, renda e cursos frequentados, bem como variáveis relacionadas ao consumo de informação, plataformas digitais utilizadas, exposição a fake news, compartilhamento autodeclarado de conteúdos duvidosos e confiança em fontes jornalísticas. Também foram incluídos itens que buscavam identificar o nível de concordância com afirmações típicas de narrativas conspiratórias, permitindo mensurar a aderência a esse tipo de explicação social.

A amostragem adotou o método em bola de neve, técnica comumente utilizada em pesquisas que investigam grupos específicos ou de difícil acesso. Conforme descreve Vinuto (2014), essa estratégia se baseia na indicação sucessiva de participantes, o que possibilita ampliar o alcance da coleta e reunir indivíduos que compartilham características sociais relevantes para o estudo. No presente trabalho, a técnica foi empregada para acessar estudantes de diferentes universidades e cursos, garantindo diversidade de perfis e ampliando o potencial analítico dos dados. Embora a amostragem em bola de neve não permita a generalização estatística dos resultados para toda a população universitária brasileira, ela é eficaz para estudos exploratórios que buscam compreender tendências e padrões de comportamento em grupos delimitados.

O instrumento de pesquisa foi estruturado em blocos temáticos que permitiram organizar a análise dos dados. O primeiro bloco reuniu informações sociodemográficas. O segundo investigou hábitos de consumo de informação, plataformas utilizadas, frequência de acesso a notícias e percepção sobre confiabilidade das fontes. O terceiro bloco examinou a exposição a conteúdos enganosos e o compartilhamento de fake news. O quarto bloco abordou a aderência a teorias conspiratórias por meio de afirmações representativas desse tipo de narrativa, às quais os participantes atribuíram níveis de concordância. Essa estrutura foi pensada para permitir uma leitura integrada entre dados objetivos e percepções subjetivas dos respondentes.

Os dados foram analisados a partir de procedimentos estatísticos descritivos, incluindo frequências, porcentagens e cruzamentos simples entre variáveis. Esse tratamento possibilitou identificar recorrências, padrões de resposta e associações preliminares entre exposição à desinformação, características sociodemográficas e comportamentos de compartilhamento. As análises foram realizadas com apoio de ferramentas digitais de organização e visualização de dados, o que permitiu estruturar os resultados de maneira clara e acessível.

Algumas limitações metodológicas devem ser reconhecidas. A amostragem em bola de neve, embora adequada ao caráter exploratório, não permite inferir resultados representativos de toda a

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/11/2025 | aceito: 22/11/2025 | publicação: 24/11/2025

população universitária brasileira. O uso de questionário on-line tende a privilegiar indivíduos com maior acesso e familiaridade com plataformas digitais, o que pode influenciar determinados padrões de resposta. Além disso, o compartilhamento autodeclarado de fake news depende do reconhecimento individual de comportamentos socialmente percebidos como negativos, o que pode gerar subnotificação. Ainda assim, essas limitações não comprometem o objetivo central do estudo, que é identificar tendências relevantes e oferecer subsídios para análises futuras mais aprofundadas.

Em conjunto, os procedimentos adotados permitem compreender como universitários brasileiros acessam, interpretam e compartilham informações no ambiente digital, fornecendo uma base sólida para analisar a presença de desinformação e teorias conspiratórias nesse público específico. A articulação entre revisão teórica e investigação empírica fortalece a consistência metodológica da pesquisa e contribui para ampliar o debate sobre a dinâmica informacional contemporânea.

4. Resultados e Análise

A pesquisa aplicada ocorreu por meio da disponibilização de um questionário semiestruturado na plataforma Google Forms, sobretudo motivado pelas indicações de segurança e saúde que recomendavam o isolamento e o distanciamento social para reduzir o contágio pela Covid-19 durante o período em que o estudo foi aplicado. Ao todo, 107 integrantes participaram da pesquisa entre os dias 25 de fevereiro de 2022 e 22 de maio de 2022.

A primeira sessão, referente ao perfil sociopolítico dos respondentes, revela uma predominância de estudantes que se identificam como homens cisgênero e mulheres cisgênero, com mais de 90% das respostas concentradas nessas duas categorias. As idades variam entre 18 e mais de 50 anos, mas cerca de 70% dos participantes se situam na faixa entre 20 e 35 anos, o que corresponde ao perfil etário típico do ensino superior brasileiro. Em termos raciais, 57 respondentes se autodeclararam brancos, 34 pardos, 12 pretos e o restante distribuído entre amarelos e indígenas, refletindo tanto a diversidade quanto as desigualdades de acesso ao ensino superior. Em relação ao percurso acadêmico, a maior parte está vinculada à graduação, seguida por pós-graduação stricto e lato sensu, compondo um público majoritariamente universitário e com trajetória educacional ativa.

A distribuição institucional revela que a maioria estuda em universidades públicas federais, enquanto uma parcela menor está vinculada à rede privada. Quase todos cursam disciplinas na modalidade presencial ou híbrida, com poucos estudantes exclusivamente a distância. A renda familiar dos participantes é distribuída de forma heterogênea, mas cerca de 40% se concentram nas faixas de até três salários-mínimos, enquanto aproximadamente 25% estão acima de cinco salários, indicando diversidade socioeconômica significativa. A religião aparece como um marcador relevante: pouco mais da metade afirma ter alguma crença religiosa, enquanto os demais se declaram sem

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/11/2025 | aceito: 22/11/2025 | publicação: 24/11/2025

religião. Por fim, a autodefinição política dos participantes apresenta diversidade, com maior concentração na esquerda e centro-esquerda, seguida por centro, direita e um conjunto que não se identifica com nenhum espectro específico.

Na segunda sessão, referente ao perfil de consumo de informações, os resultados demonstram que as mídias sociais ocupam posição central. A maior parte dos estudantes relata utilizá-las como principal fonte de informação cotidiana, superando televisão, rádio e jornais tradicionais. Ainda assim, quando questionados sobre qual mídia consideram mais confiável, quase metade atribui maior credibilidade ao jornalismo profissional, ainda que não o utilize como fonte primária. Os conteúdos da internet, somados às redes sociais, são mencionados por mais de 80% dos respondentes como presentes na rotina informacional. Em relação ao acesso a informações sobre saúde, a maioria afirma recorrer a pesquisas na internet, a portais jornalísticos e a profissionais da área, com forte presença das redes sociais nesse processo.

O comportamento de compartilhamento de informações também revela elementos importantes. O levantamento mostra que 86% dos estudantes compartilham informações apenas ocasionalmente e 12% afirmam nunca compartilhar conteúdos recebidos. Ainda assim, mais da metade dos participantes, exatamente 51%, reconhece que já compartilhou conteúdos que depois descobriu serem falsos. Quando isso ocorre, 71% afirmam excluir a informação, 44% avisam quem enviou e 33% alertam quem havia interagido com a postagem, revelando uma ética informacional orientada para a correção do erro, ainda que de forma reativa. A verificação prévia aparece como prática recorrente: 73% dos respondentes declaram utilizar critérios para avaliar a confiabilidade antes de compartilhar. Entre os critérios mais citados estão checagem da fonte, comparação com outras plataformas e busca de indícios jornalísticos que confirmem ou refutem a informação.

A influência de líderes religiosos e intelectuais também se manifesta: uma parcela dos estudantes acompanha figuras religiosas para orientar decisões pessoais, enquanto um grupo maior segue intelectuais, artistas e escritores nas redes sociais como forma de formação de opinião. Sobre a experiência direta com desinformação, 65% afirmam ter recebido notícias falsas de colegas universitários, e cerca de 30% admitem já ter encaminhado uma notícia falsa. A maioria absoluta, porém — 84% — afirma corrigir o remetente ao identificar um conteúdo impreciso e diz que não se sentiria ofendida ao receber o mesmo tipo de correção, revelando abertura ao diálogo crítico.

A terceira sessão, referente às reações às afirmações apresentadas no questionário, revela contrastes importantes entre narrativas de ampla rejeição e outras marcadas por dúvida significativa. Em temas consensuais, como a alegação de que a Terra é plana, a rejeição é quase unânime, com 94 respostas classificando a afirmação como falsa. No caso de fake news amplamente desmentidas, como a de que Marielle Franco seria ex-mulher do traficante Marcinho VP, a maioria também classifica a afirmação como falsa, embora ainda haja respostas que demonstram dúvida ou adesão parcial.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/11/2025 | aceito: 22/11/2025 | publicação: 24/11/2025

No entanto, temas mais politicamente sensíveis exibem maior fragmentação. A afirmação de que o auxílio emergencial foi o maior programa social do mundo divide percepções, refletindo interpretações políticas distintas. A alegação de que o Brasil foi um dos países que mais vacinaram apresenta variações semelhantes, indicando que disputas narrativas durante a pandemia ainda reverberam. Em relação à confiança nas vacinas desenvolvidas contra a Covid-19, 77 estudantes classificam como falsa a ideia de que elas não seriam confiáveis devido ao pouco tempo de desenvolvimento, enquanto 7 a consideram verdadeira e 23 manifestam incerteza. Narrativas antivacina mais extremas, como a existência de “chips líquidos”, são amplamente rejeitadas, mas não de maneira absoluta: surgem respostas que revelam dúvida, evidenciando que tais teorias conspiratórias ainda deixam resquícios cognitivos mesmo entre estudantes universitários.

A crença de que a China criou o coronavírus é rejeitada pela maioria, mas 12 estudantes classificam a afirmação como verdadeira e 29 se dizem incertos, totalizando cerca de 40% de adesão parcial ou dúvida. Em relação à confiabilidade da urna eletrônica, 74 respondentes classificam a afirmação de que ela não é confiável como falsa, mas 16 a consideram verdadeira e 17 manifestam incerteza. Isso significa que aproximadamente um terço dos estudantes não descarta totalmente a possibilidade de fraude, demonstrando o forte impacto das narrativas de desinformação eleitoral no país.

De modo geral, os resultados quantitativos ampliam a compreensão sobre o comportamento informacional dos universitários, revelando que, embora predomine uma postura crítica em muitos temas, persistem dúvidas, fragilidades e adesões parciais a narrativas falsas ou distorcidas, especialmente quando associadas a disputas políticas recentes ou a contextos de intensa desinformação, como a pandemia. A coexistência entre crítica, dúvida e crença parcial ilustra a complexidade do ambiente informacional contemporâneo e reforça a necessidade de estratégias contínuas de alfabetização midiática e fortalecimento do pensamento crítico.

Conclusão

Os resultados desta pesquisa revelam um cenário complexo sobre a relação dos universitários brasileiros com a informação, especialmente em um período marcado pela intensa circulação de conteúdos falsos e disputas narrativas, como ocorreu durante a pandemia de Covid-19 e no turbulento ciclo político pós-2018. Embora sejam indivíduos com maior escolaridade formal e acesso a fontes qualificadas, os dados mostram que esse grupo não está imune aos efeitos da desinformação, confirmando a tese de que a mentira política se estrutura como instrumento de dominação simbólica e manipulação ideológica, como argumentam Pinheiro e Brito (2015).

A presença simultânea de rejeição, dúvida e, em menor grau, adesão a narrativas falsas evidencia que a desinformação atua não apenas como ausência de conhecimento, mas como um

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/11/2025 | aceito: 22/11/2025 | publicação: 24/11/2025

fenômeno sociopolítico complexo, atravessado por disputas de sentido e marcado pela ativação afetiva, na linha do que analisa Wainberg (2018) ao tratar do apelo emocional das teorias conspiratórias. Isso se torna ainda mais evidente quando observamos que temas como vacinas, urnas eletrônicas e origem do coronavírus apresentam taxas relevantes de incerteza, confirmando o que Da Empoli (2019) caracteriza como guerra de narrativas.

O estudo também mostrou que as mídias sociais são a principal fonte de informação dos estudantes, ainda que o jornalismo profissional seja percebido como mais confiável. Essa dissociação entre uso e confiança evidencia que o comportamento informacional não decorre apenas de credibilidade, mas do funcionamento da sociedade em rede, descrita por Castells (2013) como um ambiente marcado pela descentralização, pela velocidade dos fluxos informacionais e pela lógica algorítmica que organiza conteúdos segundo critérios de engajamento. A forte presença de respostas intermediárias, como “não sei” e “não tenho certeza”, ilustra a erosão da segurança cognitiva típica da modernidade e reforça a tese de Mills (1981) sobre a vulnerabilidade do público diante de sistemas comunicativos massificados.

As análises também indicam que mais da metade dos participantes já compartilhou fake news sem perceber, o que está alinhado com pesquisas internacionais que identificam que a desinformação é impulsionada mais pela lógica de circulação do que pela intenção explícita de enganar (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). A disposição dos estudantes em corrigir erros – evidenciada pelo fato de 84% afirmarem que avisariam o remetente quando identificam a falsidade – demonstra uma ética informacional colaborativa, embora ainda reativa. Contudo, a persistência de crenças equivocadas em temas politicamente carregados reforça que a desinformação opera de forma contínua e emocional, dialogando com o que Terenzi (2021) descreve como estrutura narrativa fundamental do populismo digital.

Ao mesmo tempo, os dados revelam que a incerteza informacional não é um evento isolado, mas uma condição estrutural da cultura digital, tal como descreve Pierre Lévy (1999) ao tratar da cibercultura como ambiente de excesso informacional e reorganização dos regimes de verdade. Nesse sentido, a desinformação deve ser pensada como parte de uma ecologia comunicacional permeada pela indústria cultural, conforme apontaram Adorno e Horkheimer (1985), que argumentavam que a repetição massiva de conteúdos molda percepções e limita o pensamento crítico.

Diante desse conjunto, torna-se evidente a urgência de políticas de alfabetização midiática que envolvam não apenas verificação técnica de fatos, mas também educação ética, emocional e política. Instituições de ensino superior desempenham papel estratégico no enfrentamento à desinformação, pois são espaços privilegiados de formação crítica e cidadã. Como observa Buckingham (2015), a educação para a mídia deve capacitar estudantes a compreender como informações são produzidas, distribuídas e legitimadas, em vez de apenas consumir conteúdos de

Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/11/2025 | aceito: 22/11/2025 | publicação: 24/11/2025

forma passiva.

Por fim, esta pesquisa demonstra que compreender o comportamento informacional dos universitários é fundamental para compreender a formação da opinião pública no Brasil contemporâneo. Os estudantes não apenas consomem informações: eles circulam, reinterpretem, corrigem e legitimam conteúdo dentro de suas redes sociais. Assim, analisar esse grupo significa acessar um microcosmo das disputas simbólicas que estruturam o debate público brasileiro. Ao identificar tanto as fragilidades quanto os potenciais de resistência, este estudo reforça a importância de fortalecer iniciativas institucionais e sociais que promovam ambientes informacionais mais seguros e democráticos.

Referências

ADORNO, THEODOR; HORKHEIMER, MAX. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BONAVIDES, PAULO. *Teoria do Estado*. 6. ed. São Paulo: Malheiros, 2001.

BUCKINGHAM, DAVID. *Educação para mídia: alfabetização, aprendizagem e cultura contemporânea*. Porto Alegre: Penso, 2015.

CASTELLS, MANUEL. *A sociedade em rede*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

DA EMPOLI, GIULIANO. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2019.

HORKHEIMER, MAX; ADORNO, THEODOR. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

LÉVY, PIERRE. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MILLS, CHARLES WRIGHT. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PINHEIRO, CARLOS EDUARDO; BRITO, MARCELO. *Desinformação e poder: a política da mentira na era digital*. Brasília: IPEA, 2015.

TERENZI, MARCELO. *Populismo digital: narrativas, emoções e conflitos políticos*. São Paulo: Alameda, 2021.

WAINBERG, JACQUES. *Teorias da conspiração na era da informação*. Porto Alegre: Sulina, 2018.

WARDLE, CLAIRE; DERAKHSHAN, HOSSEIN. *Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

CHAUÍ, MARILENA. *Cultura e democracia*. São Paulo: Moderna, 1980.



Ano V, v.2 2025 | submissão: 20/11/2025 | aceite: 22/11/2025 | publicação: 24/11/2025

VINUTO, JULIANA. *A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: uma técnica para o estudo de populações específicas*. Revista Eletrônica de Metodologia e Pesquisa, v. 22, n. 1, p. 1–10, 2014.

DADOS DA PESQUISA. **Depósito de dados da pesquisa.** Disponível em:
<https://doi.org/10.5281/zenodo.1767440>. Acesso em: 2025.